



DINAMARCANTE

Escrito por:
Marcelo "Ataxexe" Guimarães

Uma história sobre família, perda, resiliência e o quão tenebrosa pode ser a aliança entre escola e prefeitura.

DINAMARCANTE

Escrito por: Marcelo Varella Barca Guimarães
"Ataxexe"

Uma história sobre família, perda, resiliência e o quão tenebrosa pode ser a aliança entre escola e prefeitura.

Versão 3.5.3 – 2025-12-15

Sumário

Prefácio.....	1
Parte I - A Crise.....	2
Capítulo 1: A Viagem.....	2
Capítulo 2: O Preço da Paz.....	4
Capítulo 3: Uma Burocracia Sem Alma.....	6
Capítulo 4: O Sequestro Legalizado.....	8
Parte II - A Guerra.....	10
Capítulo 5: A Guerra Psicológica.....	10
Capítulo 6: A Audiência Teatral.....	14
Capítulo 7: Dois Lares.....	17
Capítulo 8: O Contra-Ataque.....	19
Capítulo 9: A Sinergia.....	22
Capítulo 10: A Última Esperança.....	27
Capítulo 11: A Partida e a Partilha.....	31
Parte III - A Reflexão.....	34
Capítulo 12: O Lado Oculto dos Fiordes.....	34
Capítulo 13: A Distância e o Eco.....	40
Epílogo.....	43

Prefácio

Esta é uma história real. Não é uma acusação, tampouco um apelo. É um testemunho de como a burocracia pode se tornar uma arma, e como o amor pode se manter intacto mesmo durante os momentos mais angustiantes. As datas e os nomes dos locais foram preservados para honrar a verdade. Cada linha transpira o ar da Dinamarca, cada pausa carrega o peso do silêncio e cada angústia retratada esconde uma sensação de impotência que nunca imaginei sentir na vida. Uma experiência que classifico como *dinamarcante*. Seria esta uma palavra boa? Uma palavra ruim? É provavelmente o fruto de um paradoxo, em que o alto índice de desenvolvimento humano não explica um sistema frio e calculista, onde qualquer comportamento que ouse destoar da cartilha do sistema pode levar a uma espiral descendente e pôr fim a uma família.

Parte I - A Crise

Capítulo 1: A Viagem

Eu fico reparando nos olhares distantes das pessoas, não consigo deixar de notar. É como se existisse uma barreira entre pais e filhos, uma barreira invisível que os impedissem de se conectar. E isso vai além do aeroporto, é notável fora daqui também. Mas, já que estou aqui sem fazer nada, passo o tempo observando o que tem de orgânico ao redor.

Aeroportos são iguais em essência: nivelam o ser humano por baixo. Os mesmos desprazeres que eu tinha no Aeroporto Internacional de Brasília eu também tenho aqui no Aeroporto de Copenhague. Todos relacionados aos péssimos hábitos dos seres humanos quando estão correndo contra o relógio.

Claro, apesar de ser corrida em um aeroporto, a vida pode ser muito mais calma aqui na Dinamarca. Em Fevereiro de 2019, quando me mudei com minha família (esposa e dois filhos, um dos quais mal engatinhava ainda), a busca pela paz de espírito era a única coisa que importava. Confesso que é difícil alcançar isso viajando semanalmente como consultor (e deixando a família sozinha em território desconhecido), mas tudo tem seu preço, não é mesmo?

A vida aqui não tem sido fácil. Apesar de pacata, lidamos constantemente com problemas que não deveriam existir nas terras nórdicas. Já começamos pagando propina para conseguir alugar uma casa, e é claro que o dono também aumentou o aluguel pra fazer um belo combo de deixar muito brasileiro com inveja. Conta no banco? Claro que não! Quem iria abrir conta pra um brasileiro recém-chegado? Por sorte, um colega de trabalho conseguiu convencer um banco de menor porte a abrir uma conta super limitada para que eu pudesse pagar a propina e, eventualmente, receber meu salário.

Talvez eu esteja errado sobre os aeroportos. Na verdade, nada presta aqui na terceira estação solar.

Capítulo 2: O Preço da Paz

As coisas começaram a se ajustar meses depois. Assinei uma lista de espera para alugar uma casa geminada em uma cidadezinha bem tranquila ao norte de Roskilde, e que me levou mais tempo ainda pra aprender a pronunciar o nome: *Jyllinge*. Não fomos contemplados na primeira chamada, mas houve uma série de desistências e acabamos sendo contemplados na segunda leva. A mudança estava programada para Outubro daquele ano, quando as casas seriam entregues.

Descobrimos o motivo das desistências ao inspecionar a casa. Era uma casa muito engraçada. Ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede. Sim, as paredes eram basicamente só externas. Quer ter acesso a um dos quartos anunciados como parte da casa? Fácil! É só pagar e a construtora coloca a parede pra você. Alugamos uma casa com DLC.¹

E nem a fizeram com muito esmero.

Na verdade, ela foi construída com muita ganância. A casa não vinha com os itens básicos das casas na Dinamarca: lava-louças, lava-roupas, fogão, forno, geladeira, tudo foi comprado por nós, e deveríamos levar conosco para uma próxima casa, junto com todo o resto que colocarmos na casa. Que modernidade! Bring Your Own Device² furou a bolha.

Acabo de ouvir alguém engasgando ali nos assentos ao lado. Pensei ter sido com o cachorro-quente, que é bem tradicional por aqui, mas foi com o idioma mesmo. O idioma dinamarquês é uma barreira constante até para os próprios dinamarqueses, posto que as crianças podem demorar até os 10 anos de idade para adquirir fluência no idioma. Eu até tentei fazer aula de dinamarquês, mas a escola marcou uma prova

¹ Sigla para Downloadable Content. Refere-se à adquirir conteúdo extra, que não faz parte do pacote inicial de um jogo.

² Política de TI que permite aos funcionários utilizarem seus próprios dispositivos para trabalhar.

pra mim sem me avisar e eu fui reprovado. Acabei perdendo o direito de estudar e o depósito que fiz para ter acesso às aulas.

Pelo menos, no aeroporto, os avisos são também dados em inglês. Só não ajuda muito quando o aviso é sobre os portões de embarque se abrirem, pois a manada dispara antes mesmo do aviso em dinamarquês terminar. Comecei a ficar esperto e sair correndo ao sinal de qualquer barulho não identificável. Acabei me acostumando bem com a vida no aeroporto depois de tantos meses de idas e vindas.

Também foi fácil nos acostumarmos com a vida em *Jyllinge*. O complexo residencial fora construído a menos de um quilômetro do centro da cidade, que conta com três mercados e uma loja de itens usados da *Røde Kors*, ou Cruz Vermelha, uma ONG bem conhecida por lá. A caminhada leve torna desnecessário o uso do carro, e a casa era tão pequena que não havia espaço pra estocar coisa alguma mesmo. O carro era mais necessário para jogar o lixo fora, pois o depósito central ficava um pouco longe dali.

Mas a estrela do show era a vizinhança. Como as casas eram novinhas em folha, todo mundo se mudou no mesmo dia, ou seja, foram obrigados a se conhecer. E eram super prestativos também. Dificilmente alguém ficava com um problema por mais de algumas horas sem solução. A ideia da imobiliária era criar uma comunidade onde cada um pudesse ajudar com alguma habilidade. Havia comitês específicos para diversas categorias, e talvez o do lixo tenha sido o mais complicado de todos. Por pouco não teríamos um container de lixo para cada som de vogal que eles tem no idioma, tal qual é feito no depósito de lixo com seus quase 40 tipos de contêineres.

Alguém precisa explicar pros dinamarqueses que tais grandezas não deveriam se aplicar a quantidade de sons vocálicos. Quando alguém me liga, me sinto como um modem realizando conexão discada.

Capítulo 3: Uma Burocracia Sem Alma

Eu não esperava receber uma ligação em português naquele fatídico dia, 25 de Fevereiro de 2025. Eu voltava do mercado e já atravessava a escola dos meus filhos quando o telefone tocou. Uma moça falou comigo em um sotaque de português europeu, quase tão incompreensível pra mim quanto o dinamarquês, e se apresentou como tradutora contratada pela prefeitura de Roskilde. Ela disse que minha filha teve um problema na escola e que a prefeitura marcou uma reunião conosco naquele mesmo dia.

Achei super estranho. Primeiro, a prefeitura nunca marca nada na informalidade, muito menos via tradutores. Segundo, pra minha filha ter um problema a nível de sensibilizar a prefeitura, deveria ser algo muito sério. Tomei a única atitude sensata: desviei do caminho e fui direto à sala da minha filha.

Chegando lá, ela só me disse "Papai, me desculpe, eu não sei me expressar." antes de se por a chorar. Eu imediatamente percebi que ia dar merda, e das grandes.

Na Dinamarca, os professores sempre são insistentes para reportar qualquer ato dos pais que aborreça seus filhos. O menor gesto, palavra ou até mesmo reação que aborreça a criança já é o bastante para que a escola acione a prefeitura contra os pais.

E, ao que parece, foi exatamente isso que aconteceu. A professora da minha filha me disse ter ouvido que minha esposa fora dura com ela. Sim, dura. Na Dinamarca não podemos ser duros com nossos filhos. Na verdade não podemos ser nada com nossos filhos, pois ao menor sinal, o estado nos ataca.



Aos poucos eu consigo compreender essa triste distância entre pais e filhos. Aqueles olhares distantes, separados por uma intransponível barreira estatal, parecem esconder um sentimento de tristeza pela necessidade de se conformar com o preço

de se viver no país que se projeta ao mundo como sinônimo de felicidade.

E o preço era muito alto! Ao chegarmos na prefeitura, nos informaram que nossos filhos haviam sido levados sob custódia do estado. Exigimos documentação sobre as ações da prefeitura. Negaram tanto a documentação como uma explanação, e também nos ameaçaram de nunca mais vermos nossos filhos se pedíssemos ajuda da embaixada ou contratássemos um advogado. Segundo a prefeitura, não tínhamos direito algum.

Não sabia que existia sequestro legalizado no país.

Capítulo 4: O Sequestro Legalizado

De início, nossos filhos foram levados para a casa da professora de dinamarquês da minha filha. Ela foi a responsável por dar queixa na prefeitura, e agora mantinha a custódia dos nossos filhos. Descobrimos depois que isso não era correto, e que ela também deve ter levado uma boa grana da prefeitura por estar com a custódia das crianças. As crianças não só deveriam ficar com alguém neutro, como também terem seus interesses protegidos por alguém neutro. Mas, àquela altura, já havia percebido que as formalidades eram só um mero detalhe.

Na Dinamarca, existe uma atividade econômica ao redor disso. Qualquer um pode se registrar como "família profissional" e receber a custódia de crianças que são removidas dos pais pelo estado a troco de uma gorda ajuda de custo. Descobrimos que a professora orientou minha filha a dizer algumas coisas contra nós, ou eles nunca mais voltariam para casa.

E qual foi a acusação? De início, a assistente social da prefeitura somente repetia "é algo terrível", como se fosse um Pokémon. Também não tínhamos direito de saber qual era a queixa, tampouco de ver nossos filhos uma última vez. A prefeitura tinha ido à escola assim que chegamos para a reunião e já haviam levado as crianças para, segundo a própria, um local seguro. Não sabia que existia eufemismo para cativeiro.

Mas o choque maior foi ver um claro, porém incógnito, sorriso estampado no rosto da monstruosa assistente social enquanto nos deixava desinformados sobre a situação.

A consultora da família, que nos acompanhava em nome da prefeitura há quase dois anos, estava presente. Durante a reunião, eu mencionei que não era assim que imaginava serem revertidos os impostos que eu pagava anualmente (usei o período anual porque mencionei explicitamente o valor para tornar a colocação mais impactante). A prefeitura usou essa fala contra a consultora. Disse que ela foi quem mencionou os impostos e o valor, e usou isso para afastá-la do caso, e da família.

Aparentemente, a tradutora traduziu a minha fala como se fosse a fala da consultora.

Dias depois, finalmente conseguimos, com a ajuda de uma excelente assistente social privada que contratamos, ao menos ter acesso à documentação oficial do caso. A narrativa construída unilateralmente pela prefeitura foi chocante.

Aparentemente, nós espancamos diariamente nossos filhos das mais variadas formas, inclusive mencionando que nós afirmávamos que no Brasil as crianças podiam ser espancadas. O documento era tão esdrúxulo que até os nossos médicos ficaram horrorizados com a criatividade perversa da prefeitura. Há anos tentávamos ajuda do estado porque nossos dois filhos são autistas e carecem de ajuda especializada. Todas as vezes em que os nossos médicos pediam ajuda para a prefeitura, sempre éramos investigados por coisas absurdas, e os casos eram sempre encerrados alegando que éramos bons pais. Quando eu perguntei à sorridente assistente se ela havia lido os nossos outros casos, ela somente me respondeu "não, e não irei ler". Ao menos uma pessoa foi ajudada nisso tudo (apesar de ser a que menos precisava): a professora de dinamarquês da minha filha.



E eis que mais famílias passam pelos portões de embarque. A sensação de não ter direitos parentais é assustadora. Todas essas famílias estão a uma mentira de serem psicologicamente esquartejadas pelo estado. Todos esses olhares se traduzem, pra mim, em uma temerosa sensação de impotência. Já se tornou parte da sociedade. Já está enraizada na cultura.

Parte II - A Guerra

Capítulo 5: A Guerra Psicológica

No começo eu pensava que, se fôssemos nativos, isso não teria acontecido. Ledo engano. Meu colega dinamarquês, aquele que nos ajudou com a conta bancária, tem um filho autista também, cujo nível de suporte é mais elevado. Ele e sua esposa já ficaram mais de cinco anos procurando ajuda para o filho, e estão constantemente envolvidos em batalhas contra a prefeitura e a escola mesmo após terem conseguido uma escola especial para ele. Eu entendo que isso não envolve raça, mas também entendo que estamos em uma posição mais fraca por não termos conhecimento profundo do idioma e do sistema.

Nós temos uma certa habilidade em reconhecer um pouco do idioma. Durante todas as reuniões, a tradutora parecia sintetizar muito o que a prefeitura nos dizia, e sintetizar o que dizíamos também. Ela quebrou algumas regras da profissão, a mais importante delas: ser neutra. Ela nos disse, no meio da reunião, que teve seus filhos tomados pelo estado também, e meio que tentou nos orientar frente às ameaças da prefeitura. Quando conseguimos contratar a assistente social, descobrimos que todas as "orientações" da tradutora foram, para a surpresa de ninguém, as piores possíveis. A nossa assistente também foi capaz de nos ajudar a entender dois pontos cruciais: a tradutora estava, sim, errando na tradução; e a prefeitura estava fazendo um perverso jogo psicológico com a minha esposa.

Nos primeiros dias, minha esposa teve diversas recaídas. Quase caiu subindo as escadas e só conseguiu dormir sob remédios fortes, receitados pelo médico do hospital psiquiátrico onde eu a levei de emergência. Isso foi praticamente desencadeado porque a prefeitura afirmava no início ter sido somente ela a agressora. A prefeitura resolveu editar a obra literária pra incluir uma participação

especial minha, mas o estrago emocional já havia sido feito logo no início.

O ponto-chave no início do processo é o consentimento à remoção das crianças. A prefeitura nos disse, em tom de ameaça, que caso não consentíssemos com a remoção das crianças, ela iria tomá-las à força e ainda levar o caso à polícia. Disse que as nossas chances de ver as crianças novamente seriam praticamente nulas. Do contrário, dar o consentimento iria tornar o caso muito mais simples, e as crianças seriam liberadas no dia 27 de Fevereiro, dois dias após o sequestro. No desespero, e depois da orientação desorientada da tradutora, cometemos o erro de dar o consentimento. Isso abriu espaço pra prefeitura fazer o que bem entendesse, incluindo não devolver as crianças no dia prometido. Desde criar a narrativa a seu bel-prazer até nos ameaçar das mais variadas formas. Apesar de tudo isso, era obrigatório por lei que eles nos dessem a documentação do caso.

Durante a primeira reunião em que a assistente social contratada participou, pedi para sair da sala e falar em privado com ela. Como a tradutora estava atrapalhando tanto que eu já pensava até em teorias da conspiração, pedi à assistente que falasse por nós, em dinamarquês, na reunião. Alinhamos o que seria dito e voltei à sala. Enquanto a assistente falava ao telefone o que havíamos combinado, notei uma mudança repentina de expressão no rosto da responsável pelo caso. Ela me disse para não confiar na minha assistente social, e me daria mais alguns minutos pra pensar, saindo da sala em seguida junto com a tradutora. Uma advogada me ligou logo em seguida e se apresentou como colega da assistente social e disse que seria a minha advogada no caso. Também me orientou a não acreditar em nada do que a prefeitura me dissesse, caso contrário as nossas chances de sucesso seriam mínimas.

Quando as duas retornaram, liguei para a assistente e confirmei que não iríamos mudar o nosso discurso. Não demos o consentimento à remoção das crianças para uma família profissional. O resultado: a prefeitura teria que pagar um advogado para mim (e eu poderia escolher quem seria), teria a obrigação de me enviar os documentos do caso e uma audiência deveria ser marcada com a presença do

juizado de menores. Claro que as crianças não iriam voltar. E é claro que a prefeitura iria continuar com o jogo sujo.

Como se não bastassem as afrontas, a prefeitura ainda fazia questão de nos dizer que as crianças estavam super bem. Estavam felizes, comendo bem, dormindo bem e se comportando bem. Não era como se a prefeitura quisesse jogar os pais contra os filhos e vice-versa. Estava escancarado que era isso mesmo o que eles queriam. Quando nos mostraram a suposta foto alegre deles, vestidos com as fantasias de carnaval que lhes enviamos pela prefeitura, estava nítido o semblante triste no rostinho de cada um. Ninguém consegue enganar os pais quando se trata de seus filhos. Principalmente a mãe, que praticamente lia nos olhinhos traumatizados deles tudo o que eles queriam nos dizer.

O impronunciável carnaval dinamarquês, *Fastelavn*, foi aparentemente o início de todo o pesadelo. Nossa filhota queria uma fantasia de gato, mas a fantasia se esgotou na loja. No dia 4 de Dezembro de 2024, ela nos disse que contou à sua professora de dinamarquês que a mamãe lhe bateu. Segundo minha filha, essa era a sua forma de punição por não termos comprado a fantasia. Ainda segundo ela, sua amiga a motivou a fazer isso, uma vez que era comum os filhos contarem certas coisas aos professores para, então, os pais levarem uma bronca dos supostos defensores da causa infantil.

De acordo com os documentos, a escola prestou queixa à prefeitura ainda no mesmo dia, mas somente no dia 25 de Fevereiro do ano seguinte foi que a prefeitura decidiu agir. O suposto caso super urgente não parecia tão urgente assim. E tudo só piorava porque tínhamos provas concretas e oficiais de que tanto a escola quanto a prefeitura foram negligentes com nossos pedidos de ajuda. Depois de ver minha esposa sem conseguir caminhar, de levá-la ao hospital psiquiátrico pra conseguir algo pra ela poder dormir em vez de vegetar, eu estava mais do que disposto a ir à guerra.

Claro que não teria como fazer tudo sozinho. A assistente social foi uma combatente

maravilhosa ao nosso lado. Nosso angelical casal dinamarquês, mais uma vez, nos salvou com essa indicação. Desde que chegamos à Dinamarca, eles nos trouxeram alívio. Desde moradia a doações para começarmos a nossa vidinha aqui, até auxílio profissional para bater de frente com a prefeitura.

Minha mãe, assim que soube, se materializou aqui em um par de dias, na esperança de ao menos ter a guarda das crianças, algo que é praticamente garantido no Brasil, mas que a Dinamarca obra e se locomove. A menos, é claro, que isso tenha consequências financeiras. E esse foi o ponto-chave do nosso contra-ataque: devolver o golpe psicológico de forma econômica.

Com o apoio imprescindível da assistente, conseguimos remover a guarda da professora. As crianças seriam, então, transferidas para uma dessas tais famílias profissionais. De posse dos dois diagnósticos de autismo, conseguimos forçar a prefeitura a impôr a restrição das crianças estarem juntas e em um lar que tivesse suporte à condição delas. Isso tudo custa dinheiro pro estado. E, como agravante de lesão, esse dinheiro seria usado para custear despesas com estrangeiros.

Em paralelo, comecei a juntar todas as provas contra a prefeitura e a escola para enviar à advogada, que montou a defesa com base nessas provas. Enquanto isso, nos preparamos psicologicamente para o dia da audiência.

Grandes guerras são vencidas por estrategistas. E no nosso caso não seria diferente. Começamos a preparar um pedido de apoio para a embaixada e para o conselho tutelar. A ideia era de apresentar um pedido para que o caso fosse transferido ao conselho tutelar no Brasil, onde seríamos julgados provavelmente por pessoas dotadas de massa encefálica. Praticamente todos os movimentos eram validados ou até partiam da nossa infalível assistente social. Ela conhecia muito bem a prefeitura e tinha várias estratégias para seguirmos. Eu só precisava manter a calma e decidir por onde nós iríamos caminhar.

Capítulo 6: A Audiência Teatral

E eis que o dia da audiência chega, 6 de Março de 2025. Para a nossa surpresa, a tradutora questionável fora substituída por uma tradutora de verdade. Ao telefone, ela pacientemente relatava, frase à frase, o que era nos dito e o que dizíamos à toda aquela corte teatral. Pedimos a ela que não traduzisse o que nossa advogada iria dizer, pois já havíamos conversado sobre a defesa. O júri somente me fez uma única pergunta, que tomei como um presságio do que estaria por vir.

Existe uma célebre frase, talvez anônima, que diz mais ou menos assim: "a culpa é minha e eu a coloco em quem eu quiser". Isso resume bem a audiência. A prefeitura constatou que foram cometidas quatro falhas severas contra nós (relatadas pela nossa advogada), mas ainda assim decidiu por tomar a guarda das crianças.

Ao final da audiência, pude ouvir com clareza a voz da tradutora ao telefone, incrédula. Era uma tradutora diferente. Sua voz era mais calma, porém firme, e aparentava ser mais velha. Ela disse a mim que a prefeitura estava tramando algo, jogando sujo e que eu deveria procurar ajuda o mais depressa possível. A prefeitura estava cometendo crimes graves contra nós. Desligaram na cara dela, mas sua mensagem foi muito clara. Suas últimas palavras foram: "procure a embaixada".

Um outro sorriso do mesmo projeto de lixo baseado em carbono fora desferido em nossa direção ao sairmos da sala. Tive que conter minha mãe, embora a vontade fosse outra.

Voltamos à sala de confinamento e contamos a terrível notícia aos colegas da Cruz Vermelha da minha esposa. Ela começou a fazer voluntariado lá cerca de um ano antes desses acontecimentos. Aprendeu muito bem uma pequena, porém significativa, parte do dinamarquês, e fez boas amizades com idosos tão amáveis que, assim que souberam da trama, não pouparam esforços para nos ajudar.

Uma delas foi à prefeitura de ônibus naquele dia, recém-operada dos joelhos.

Ficamos sabendo que outra delas também perdeu a guarda no passado, e passou anos sem ao menos saber o paradeiro de seu filho. Outra trabalhou por mais de 40 anos na prefeitura, e jamais havia presenciado um caso tão maléfico quanto o nosso.

Em meio às lágrimas, eu e minha esposa fomos convocados a uma reunião extraordinária. Aparentemente, a presença da minha mãe se provou ser uma saída para que a prefeitura contivesse os gastos com as crianças, já que não era possível a prefeitura desfazer o homérico quiproquó por um simples motivo: contrariando o processo, a prefeitura nos denunciou formalmente à polícia logo no início. E, pra piorar, a testemunha das crianças era, ilegalmente, a professora de dinamarquês. Sim, a mesma que prestou a queixa, teve a guarda temporária, manipulou minha filha, e tem um merecido lugar no inferno junto à hiena defensora dos questionáveis interesses do sistema dinamarquês.

De acordo com a prefeitura, as crianças poderiam voltar para a casa, sob uma irrefutável condição: os pais teriam que se mudar de lá. Ademais, nós ainda teríamos que reunir de cinco a oito pessoas e elaborar um plano de ação, algo que, na verdade, era de responsabilidade da própria prefeitura. Aceitamos todas as condições, e sabíamos que seria muito fácil reunir todas aquelas pessoas. A prefeitura deixou escapar que acreditava que nós não tínhamos nenhuma rede de apoio na Dinamarca. Isso explicava aquela inversão de responsabilidades.

Ao finalizarmos a reunião, perguntamos o que deveria ser dito às crianças. A resposta foi imbecil o bastante para nos impressionar: deveríamos contar uma verdade adaptada. Sim, usaram exatamente esse termo.

Pensamos em usar o artefato do conselho tutelar, mas conseguimos a informação de que a prefeitura não queria meu pai na Dinamarca, pois acreditavam que ele batia nas crianças. Não é raro que estrangeiros peçam a transferência do caso para seus países de origem, e essa crença da prefeitura pareceu fortalecer um desejo nefasto de manter as crianças na Dinamarca. Quando juntamos essa informação com outra

anterior, ficamos muito receosos: a professora de dinamarquês da minha filha nutria um sentimento muito forte por ela. Pedir a transferência do caso poderia colocar tudo a perder, pois a prefeitura poderia negar o pedido e tomar permanentemente a guarda das crianças.

Retornamos à sala, e foi solicitada uma reunião somente com a minha mãe. Como ela iria ficar com as crianças, a prefeitura queria ter a certeza de que ela estaria a par da tarefa. Só se esqueceram de fazer perguntas pertinentes. Ela foi questionada sobre acreditar na minha palavra, em vez da suposta palavra dos meus filhos, sobre nunca ter vindo à Dinamarca antes, sobre o que iria acontecer caso caísse de uma escada. Se antes eu tinha dúvidas quanto à competência da prefeitura, a esta altura já era ululante pra mim.

As crianças saíam do cárcere profissional no dia seguinte, 7 de Março de 2025, no início da tarde. Foi uma sexta-feira muito aguardada, porém corrida. Saímos de casa logo pela manhã, rumo a uma cidadezinha do outro lado do fiorde: *Kirke Hyllinge*. Nossa amiga estava morando em uma casinha lá, e alternava as semanas entre Dinamarca e Suécia. A semana que passaria na Suécia casou com a nossa forçada saída de casa. O dinheiro já estava acabando, e essa solução foi essencial para mantermos ao menos o que sobrou do alicerce financeiro.

Capítulo 7: Os Dois Lares

Assim que as crianças retornaram, minha mãe se deu conta de um fato preocupante: minha filha não tomou um único banho sequer. Tanto seu cabelo quanto seu cheiro denunciavam mais de uma semana sem banho. O banho na casa da família profissional era dado com o resto da água que usavam para banhar os filhos legítimos da família. Meu filho tomou um único banho lá. Para piorar a situação, minha filha relatou que dormia em um colchão no chão, enquanto seu irmão dormia na cama com a senhora... nua.

A casa era muito suja, e as pulgas se aproveitaram para deixar diversas marcas na minha filha. Ela também não ia ao banheiro, pois ninguém a ajudava com o medo que ela tinha de banheiros. Como resultado ela teve uma forte diarreia assim que entrou no banheiro da nossa casa. Ela necessitava urgentemente de um banho e de um médico.

Para a nossa sorte, no dia anterior, ao fim da tarde, recebemos a visita de uma outra consultora familiar contratada pela prefeitura. Ela era da mesma empresa da consultora deposta, e era encarregada de casos extremos. Foi logo chegando nos intimando a cooperar, caso contrário nunca mais veríamos nossos filhos.

Assim que explicamos a situação, mostramos o nosso lar e os desenhos das crianças, a consultora rapidamente nos disse que iria nos ajudar a resolver esse engano. Era claro em seus olhos e palavras o quanto ela repudiava a atitude da prefeitura. E ela estava lá também no dia seguinte, ao lado da minha mãe, fazendo uma videoconferência com o médico de plantão.

Existe um horário mais adequado para necessitar um médico na Dinamarca, e ele é bem reduzido. Qualquer infortúnio depois do meio-dia já torna difícil conseguir uma consulta. Após as 17 horas, só resta o plantão da região, onde é praticamente impossível conseguir um médico presencial, seja em casa ou no hospital. As semanas de folga escolar também são difíceis, pois os médicos saem de folga também. Os

finais de semana são igualmente desafiadores. Na verdade, é provável que você nunca consiga atendimento quando realmente precisar. E atendimento não significa tratamento.

Pois bem, ficou constatado que minha filha fora mordida por muitas pulgas e, por falta de ir ao banheiro, teve uma diarreia forte também. Mas tudo isso não era nada de mais para os padrões dinamarqueses. Paracetamol cura, regenera, revigora, tira mal olhado, aumenta o desempenho sexual e ainda é fácil de pronunciar na farmácia.

Na semana seguinte, minha mãe estava incumbida de levar as crianças à escola. Lancheiras preparadas, caminho traçado, tudo em ordem. Exceto pela professora de dinamarquês. Ela não gostou de ver comida brasileira na lancheira. Disse que não era saudável e ordenou que eles levassem duas lancheiras de comidas dinamarquesas. Claro que ela prestou queixa na prefeitura também.

Eu já sabia que a escola iria tramar com a prefeitura novamente. Então, pedi à minha mãe que tirasse fotos das lancheiras assim que ela me relatou a primeira queixa da professora. A cada hora a escola reclamava de algo com a minha mãe, que manteve a calma e se saiu bem nos dias seguintes. Ela teve que lidar com um filhote terrível, com certeza ia se sair bem lidando com aquela professora maluca.

Foi maravilhoso ter a oportunidade de mostrar a foto das lancheiras quando a prefeitura nos acusou de não levar alimento suficiente para as crianças na escola. Pedi a opinião da prefeitura acerca das fotos das lancheiras. Após mudar a expressão facial, a responsável disse que só estava repetindo o que a escola relatou, e que não faria mais aquilo. Foi a última vez que mencionaram algo da escola nas reuniões.

Capítulo 8: O Contra-Ataque

No dia 12 de Março, reunimos o pelotão de batalha na prefeitura para o tão aguardado plano de ação. A prefeitura só não contava com uma participação em específico: a embaixada do Brasil. A embaixada estava presente representando os interesses das crianças em nome do conselho tutelar. O representante agiu somente como ouvinte, e falou em inglês. Eu havia mencionado o problema da tradução para a embaixada, por isso o representante não deixou a prefeitura saber que ele era fluente em dinamarquês.

Foi uma escolha sábia. Ficou mais uma vez claro que a tradutora não estava fazendo seu trabalho, escondendo de nós informações cruciais do caso e temperando à gosto as nossas falas.

O ambiente era praticamente o mesmo, com exceção da nova assistente social responsável pelo caso. Como as crianças foram devolvidas ao lar, o caso mudou de departamento, necessitando de outra responsável por parte da prefeitura. Ela não sorria, mas carregava o mesmo viés e parecia que estava em uma incessante corrida para provar que éramos os monstros da narrativa surreal que sua colega tirou do próprio término do trato digestivo. Nem se deu ao trabalho de elaborar o plano de ação, mas não era nada que a nossa assistente social não pudesse resolver. E ela sabia exatamente o que planejar.

Ela bolou um plano a partir do que já tinha visto funcionar com as prefeituras em casos similares. O plano consistia em visitas assistidas por cada um dos soldados que convocamos. Iríamos ver as crianças, mas sob condições psicologicamente desfavoráveis. Bom, esse é o jogo da prefeitura: ataques psicológicos e financeiros. Ao menor sinal de que os pais não parecem ter recursos emocionais ou econômicos para serem os tutores dos próprios filhos, o estado convida outros pais a assumirem a obrigação. Tudo em nome do bem estar das crianças, eles dizem. Existe até uma prova, *Forældrekompetenceundersøgelse*, abreviada por FKU. Caso os pais não sejam aprovados nela, perdem a guarda. Um dos critérios do exame é justamente fluência

no idioma dinamarquês. Eu carinhosamente apelidei o FKU de *FucK U*. A prefeitura apelidou o plano de ação de Rede de Segurança.

O plano de visitas controlado pela Rede de Segurança era perfeito para a prefeitura, pois colocava os interesses dela no centro e nos deixava em uma situação vulnerável. Ao menos as crianças estariam a salvo com a vovó e a prefeitura continuaria no controle da situação. E isso era o que mais importava naquele momento. A prefeitura precisava ter a sensação de controle e da nossa aparente iniciativa em colaborar com qualquer maluquice bolada por ela.

As visitas não foram nada fáceis. A dor da perda se intensificava a cada abrir e fechar da porta. Os assistentes, embora pessoas próximas, ficavam desconcertados por estarem naquela situação tão delicada, e por terem a obrigação de relatar em pormenores como as visitas se alastravam.

Os dias se passaram em meio às visitas, choros, noites mal dormidas e esperanças que iam e vinham em uma senoide emocional.

Eu teria conseguido suportar as visitas, não fosse por um incidente inesperado: minha filha estava com a boca inflamada. Ela deveria ter ido ao dentista cuidar de um canal que não fora feito corretamente. A prefeitura havia dito que ela não poderia ir ao dentista, pois nós estávamos proibidos de sair de casa com ela. Como a situação escalou, uma combatente foi comigo para levá-la ao dentista após conseguirmos a bênção da prefeitura benevolente. Foi horrível ver a minha pequena gritando de dor, pois deveriam extrair dois pré-molares, ainda rígidos, para conter a inflamação.

Mais horrível ainda foi voltar pra casa sabendo que não poderia ficar com ela. Nossa colega foi, mais uma vez, incrivelmente amável e ficou comigo lá por um par de horas. Saí quando minha princesa finalmente dormiu no sofá. Completamente derrotado, atravessei o fiorde e retornei à nossa base em *Kirke Hyllinge*. Não sei o que era mais forte, se minha raiva ou minha angústia. Abri a porta e me desmontei

emocionalmente na frente da minha esposa.

Casais precisam buscar o equilíbrio. Se os dois estão fortes, é bom, mas os dois não podem estar fracos ao mesmo tempo. Minha esposa acabou juntando energia depois de me ver naquela situação. Continuamos com o psicológico equilibrado na nossa frente de ataque, e eu consegui espaço pra me recuperar daquele trauma.

Não consigo imaginar como ela se reergueu daquela forma. Ela havia passado o aniversário ali, longe de casa e dos filhos. Lutando para não precisar de remédios pra dormir. Talvez seja exatamente isso que signifique o "na alegria e na tristeza". É uma questão de equilíbrio. Ela fez com que o equilíbrio se mantivesse. Levantou-se no momento da minha queda.

Capítulo 9: A Sinergia

No dia 19 de Março, estávamos em uma nova reunião junto à prefeitura. O teatro era o mesmo, e as ameaças também. Apesar de eu estar mais quieto e apático, minha esposa estava plena e mais do que preparada para manter o *status quo*.

Segundo a nova responsável pelo caso, a polícia havia confirmado as agressões. O que soava muito estranho, pois não havia nenhuma informação no nosso registro, tampouco uma comunicação oficial da polícia. Infelizmente, qualquer conversa era distorcida para terminar em alguma frase relacionada à polícia.

Foi aí que a coisa ficou ainda mais maluca: aparentemente, a prefeitura acreditava que nossos filhos não eram autistas, ela acreditava que as crianças adquiriram comportamentos autistas por serem espancadas diariamente ao longo de tantos anos. A condição para termos elas de volta era a de que elas não apresentassem mais nenhum comportamento autista. Iríamos retornar ao lar, junto com minha mãe, e as crianças deveriam se transformar conforme as regras da prefeitura, caso contrário, perderíamos a guarda permanentemente. Após uma tensa discussão entre a nossa assistente social e a prefeitura, a questão do autismo saiu pela tangente. Voltamos para a casa ainda naquele dia, sob supervisão, claro! Mas a situação era outra, era dia de alívio, e quem quer que estivesse lá não se sentiria desconfortável, pois veria o fruto da sinergia que nos levou tanto suor para cultivar.

Era o dia da vovó dinamarquesa da minha esposa, como ela mesma dizia ser. Que senhorinha amável! Que abraço revigorante! A Cruz Vermelha nos ajudou em vários pontos durante a nossa estadia, e aquela ajuda veio de uma forma pessoal e amorosa. Na verdade, todos ali presentes tiveram um peso enorme na nossa trajetória e serviram para nos mostrar que, no meio de todo aquele sistema injusto e tendencioso, havia uma população agradável, amigável e disposta a lutar pelo que acreditam ser o correto. No fim das contas, o poder sempre corrompe os fracos.

Juntamente com o nosso regresso, foi iniciado um plano com o departamento de

ajuda familiar. Uma equipe de duas psicólogas da prefeitura foi ligada ao caso. Já havíamos passado antes pelo setor de ajuda familiar da prefeitura, e a psicóloga designada na época foi um anjo. Eu estava confiante de que seríamos auxiliados por pessoas fortes.

O departamento familiar da prefeitura era uma espécie de anexo: funcionava em outro local e tinha uma ligação fraca com a prefeitura em termos de envolvimento direto nos casos. As psicólogas não teriam acesso ao caso da mesma forma enviesada com que todos os outros membros da prefeitura tiveram.

A primeira interação foi na nossa casa. A primeira psicóloga chegou e, pra nossa surpresa, ela nos contou que já havia até morado no sul do Brasil por alguns meses. Ela conhecia um pouco da nossa cultura e da comida também. Desnecessário mencionar o quanto ela ficou indignada com a postura da escola frente à alimentação das crianças.

Conforme fomos contando o que aconteceu, e mostrando as evidências, uma lágrima apareceu nos olhos da psicóloga. Ela mal conseguia crer que aquilo estava acontecendo. E ela também pôde observar que um ponto crucial afirmado tanto pela escola como pela prefeitura era mentira: nossos filhos não eram proficientes em dinamarquês.

Muitas das ameaças da prefeitura eram embasadas nas histórias que nossos filhos contavam. O problema é que nossos filhos não se comunicavam muito bem em dinamarquês. Minha filha até conseguia se virar com coisas do cotidiano, mas ela tem dificuldades de comunicação, independente do idioma. Some-se a isso um idioma formado basicamente por onomatopéias de afogamento e as dificuldades de comunicação ficam extremas. Meu filho só tentava adivinhar o que falavam com ele, e praticamente só respondia "sim".

Ao término da visita, a psicóloga nos disse que iria fazer de tudo para nos ajudar. Ela acreditava que as visitas estavam atrapalhando a normalização do lar e que a Rede

de Segurança deveria ser desfeita o quanto antes. Perfeito! Agora temos alguém da prefeitura que compartilha do nosso sentimento.

Quando foi a vez da segunda psicóloga nos visitar, as crianças haviam brigado muito e estavam com os nervos à flor da pele. Por um lado foi bom, pois a psicóloga pôde ver que as mudanças na rotina da escola causavam uma reviravolta nelas. Meu filho estava muito mais alterado porque a escola resolveu, sem nos consultar, cancelar suas aulas de educação física em favor de aulas de dinamarquês no mesmo horário. A educação física era a aula que ele mais gostava na escola, e ele ficou muito nervoso com a mudança. A psicóloga ficou incrédula, pois a escola não tinha direito de tomar tal atitude unilateralmente.

A cereja no bolo foi quando meu filho pediu pra falar com ela. Ele pegou o tablet, abriu o tradutor e foi falando, pausadamente, em português:

Quando estou na escola, às vezes me sinto bem, às vezes me sinto triste e às vezes me sinto cansado. Mas eu sempre me sinto mais cansado do que bem ou triste.

A escola afirmava que nossos filhos não comiam e não dormiam. Ela também afirmava que as crianças não tinham sequer uma cama para dormir. Por isso todos que nos visitavam ficavam atônitos. As crianças tinham suas próprias camas, seus próprios quartos e uma casa inteira para espalharem brinquedos e desenhos alegres. Eles, inclusive, dormiam em camas no nosso quarto. Assim eles se sentiam mais protegidos, e nós poderíamos agir rapidamente caso eles precisassem de ajuda, o que era muito comum durante as noites.

Minha esposa buscou uma pasta com vários desenhos. Desde sempre ela guarda qualquer registro das crianças. Desde desenhos de gatos da minha filha a elaborados planos para que meu filho pudesse pular do sofá no pufe, com direito a trajetórias parabólicas bem fiéis à realidade. Se as crianças registraram qualquer coisa, é certeza

que minha esposa sabe exatamente o que foi e ainda tem o registro intacto.

Um dos desenhos que ela mostrou foi o de quando o guri fez xixi no termostato do banheiro, que ficava em uma estratégica posição ao lado da privada, a meros 15 cm do piso. O desenho mostrava, em passos, como ele fez xixi, como eu fui ao banheiro acalmá-los (pois o termostato pegou fogo), como o super vizinho nos ajudou a isolar o problema, como eu troquei o fusível estourado e como eu fui com a minha filha procurar um novo termostato. O desenho final mostrava todos felizes em casa. Infelizmente ele não registrou o momento em que eu troquei o termostato, pois ele não estava mais conosco.

A psicóloga tentou ligar na escola para ouvir o motivo de cancelarem as aulas que meu filho mais gostava. Ninguém atendeu, como de costume. Ela estava muito indignada com o relato dele, pois a escola e a prefeitura eram muito enfáticas quando afirmavam que as crianças não dormiam e, por isso, tinham sono. Meu filho provou que não era uma questão de sono, era de cansaço. Fruto do esgotamento de sua bateria social. Tapioca alguma recarrega essa bateria. Tampouco pepino cru.

Isso piorou quando cruzamos aquela informação com algumas mensagens que troquei com o diretor da escola. Na Dinamarca, existe um programa escolar chamado SFO, sigla para *Skolefritidsordning*. Nesse programa, a criança passa o dia inteiro na escola, a um elevado custo, claro. É um programa necessário para grande parte das famílias, pois ambos os pais precisam ter um emprego de modo a poder sustentar a casa. A escola sempre me atacou por não colocar meus filhos no programa. A escola mal conseguia lidar com meus filhos durante o dia, o que dirá em tempo integral. Eles também não tem bateria social para passarem tanto tempo assim longe de casa. E ambas as psicólogas concordavam com esse posicionamento.

Era costume da escola nos atacar por qualquer coisa. Reclamavam até porque eu era o que mais levava e buscava as crianças na escola. Na cabeça da escola, as tarefas deveriam ser divididas igualmente entre pai e mãe. Pro inferno o que a escola pensa!

Minha esposa já passava quase todo o tempo disponível com os guris, qual o problema em eu levá-los e buscá-los? As psicólogas também não viam problema algum nisso. Era clara a perseguição da escola. E mais clara ainda era a falta de respeito à nossa cultura. A prefeitura era boa nisso também, nos atacou dizendo que estávamos dando comida de recém-nascido para as crianças. A comida? Açaí com leite em pó. A primeira psicóloga ficou visivelmente chocada com isso.

Tivemos ótimos momentos com as duas psicólogas. A primeira focava no emocional, enquanto a segunda, no racional. Aproveitamos ao máximo todas as consultas, ora em nossa casa, ora no anexo da prefeitura. Aprendemos muito sobre nossos filhos e sobre nós mesmos. Arrisco dizer que era exatamente a ajuda que precisávamos há cinco anos, mas que nos foi oferecida após uma punição sem sentido. Depois do trauma, aquilo estava muito aquém do necessário, infelizmente.

Capítulo 10: A Última Esperança

O dia 27 de Março começou com uma ponta de esperança, mas ela não durou muito. A responsável pelo caso já começou a reunião com sangue nos olhos, disposta a provar que nós não só espancamos nossos filhos como ainda estávamos a fazê-lo todos os dias. A embaixada ainda nos acompanhava nas reuniões, sempre como ouvinte e representando o conselho tutelar. Optamos por ainda não mostrar a carta do conselho, que pedia a transferência do caso, mas eu estava disposto a usá-la naquele dia, a depender do resultado da reunião.

Desta vez, a pseudo tradutora não veio. Para a nossa surpresa, veio a mesma tradutora que estava ao telefone na audiência da pesada. Mas agora ela estava de corpo presente, e ainda mais firme. Ela fez um trabalho excepcional. Exigiu que a prefeitura explicasse cada passagem ambígua e subliminar. A responsável pelo caso não parecia nada contente com a situação.

Se a responsável não sorria, ela também não vibrava com as nossas conquistas. Quando nos foi permitido retornar ao lar, todos os presentes vibraram em uníssono. Todos menos ela.

Tão logo ela iniciou a bravata policial, eu rebati dizendo que não houve acusação alguma por parte da polícia. Quando ela me questionou, eu simplesmente respondi seco:

Eu sei porque eu liguei tanto para a polícia como para o meu advogado criminal. O caso está parado e não houve sequer investigação, pois estão à espera de um tradutor para nos acompanhar no interrogatório. Nada será feito enquanto não houver o interrogatório.

Para a minha surpresa, minha esposa se levanta e desfere o golpe final, com a fúria subentendida que só ela consegue demonstrar:

E nós gostaríamos que vocês parem de falar em nome da polícia. Vocês não

são a polícia!

Era até engraçado ver a expressão no rosto da depravada enquanto a tradutora fazia seu trabalho. Desta vez, a porrada foi tão forte que ela murchou, pediu desculpas e mudou de assunto. Vibramos por dentro.

Ao final da rodada, chega a vez da psicóloga emocional, que representava o departamento de ajuda familiar. Ela foi enfática em seus argumentos. Ressaltou que as crianças, ao contrário do relatado, não eram proficientes em dinamarquês. Disse ainda que, se a prefeitura precisava observar a família, ela, então, precisava deixar a família voltar a ser uma família. A tal Rede de Segurança não fazia sentido e precisava ser extinta.

Terminada a participação da psicóloga, a responsável pelo caso convocou todos da prefeitura para deliberar. Todos menos a psicóloga. Eu suei frio.

Na prática, somente a psicóloga estava com os olhos na realidade. Ela era a única pessoa forte na prefeitura. Tão forte que não se intimidou quando não a convidaram. Ela simplesmente se levantou e foi junto.

Não consigo lembrar exatamente quanto tempo se passou naquela infinita espera. Já estava pensando em usar a carta, pensando se realmente esse caso se alongaria por mais de um ano, algo normal para casos semelhantes. Quando a prefeitura retornou, a superiora tomou a palavra.

Por conta da criticidade do caso, uma pessoa mais acima na hierarquia também estava envolvida. Ela era bem mais velha, e se mostrava um pouco mais tranquila. Confesso que não me agradava o tom mais alegre dela em alguns momentos. Não havia nada de alegre ali. Pelo menos ela parecia querer desatar os nós. A nossa assistente social colheu bons frutos para nós durante todas as negociações com ela. Era um jogo estratégico que, incrivelmente, estávamos jogando muito bem. Enquanto eu organizava as coisas do nosso lado, a assistente trabalhava em estreitar

as relações com a prefeitura. Formávamos uma boa dupla, isso era inegável.

Houve um ponto no processo em que a nossa assistente se afastou um pouco. Custava muito caro ter ela ali o tempo todo, e quando o caso foi aliviado, ela sentiu que poderia trabalhar menos no caso e deixar as coisas rolarem. A nova responsável fez com que ela mudasse de ideia, mas para não tornar as coisas ainda mais puxadas financeiramente para a gente, a assistente se absteve de cobrar as horas trabalhadas. "Vamos fazer de conta que as horas se multiplicaram milagrosamente", disse ela. Eu pagaria somente pelas presenças físicas nas reuniões junto à prefeitura dali em diante.

Outra vibração em quase uníssono tomou conta da sala. A Rede de Segurança foi desfeita, e o caso passou a ser um caso normal na prefeitura, contando somente com o apoio das psicólogas. A nossa chance estava ali. "A partir de agora, nada os impede de irem embora daqui", disse a nossa assistente social. Voltamos para casa. Aliviados e prontos para a próxima fase do nosso plano.

A Páscoa é um evento do tipo *bolas-de-feno-rolando-na-rua*. Tudo para durante a semana inteira. Inclusive a prefeitura.

Compramos passagens para o dia 14 de Maio. Eu levaria a família para o Brasil e retornaria em seguida para resolver as pendências fiscais na Dinamarca. As crianças não faziam ideia do plano. Para elas, iríamos para Portugal passar umas férias e, de lá, a vovó iria embora para o Brasil. Deixamos as malas prontas e seguimos com a vida. Não contamos a ninguém sobre o plano. Apesar de não haver barreira legal alguma para sairmos do país, já entendemos que a prefeitura sempre terá amparo legal, mesmo que seja para agir na ilegalidade.

Somente o casal dinamarquês que nos amparou desde o início ficou sabendo da nossa partida. Despedidas são muito difíceis, mas foi muito bom podermos nos despedir deles em família. Eu voltaria logo em seguida, mas a despedida em família

foi reconfortante.

No último dia de aula, minha filha mencionou que estava indo passar uns dias em Portugal. A professora de dinamarquês veio dar um abraço nela. Notamos um semblante bem triste na professora, em um abraço mais apertado do que o normal, e um ímpeto de choro. Penso que ela já sabia que seria a última vez que veria minha filha.

Nunca iremos saber a verdade, mas não se pode negar que havia um sentimento muito forte da parte dela.

Capítulo 11: A Partida e a Partilha

Tudo o que deveria dar certo acabou dando certo na saída do país. Saímos de madrugada, e creio ter sido um momento muito difícil pra minha esposa. Ela não pôde se despedir de mais ninguém. Suas magníficas colegas da Cruz Vermelha, sua fantástica fisioterapeuta, nossos caríssimos amigos brasileiros, a nossa querida consultora familiar (que embora deposta da função logo no início, manteve contato comigo durante todo o processo), os maravilhosos vizinhos, todos os outros que fizeram parte do processo estavam alheios ao nosso plano. Eu logo retornaria para falar com eles, mas ela não. Entramos no carro e fomos rumo ao aeroporto. Estávamos tensos ainda, mas decididos e comprometidos a ir embora de uma vez por todas.

Tudo aconteceu da melhor forma possível, mesmo tendo esquecido os tênis do meu filho, que adorou ser carregado aeroporto adentro. Minha mãe remanejou a passagem de volta para o mesmo voo, e as passagens de nós quatro saíram por menos do que a minha passagem de volta pra Dinamarca dias depois. A conexão foi apertadíssima, mas deu tudo certo graças a um gigante profissional que avistou meu filho e falou para seguirmos em uma vazia fila de prioridades no controle de passaportes em Lisboa. Os guris acharam muito estranho terem que embarcar em Lisboa. Foi aí que contamos a verdade a eles. Eles festejaram!

Um pouco antes do avião decolar rumo à Brasília, recebi uma mensagem oficial no correio eletrônico da Dinamarca, o *e-Boks*. Era uma mensagem do orfanato da região, me notificando da investigação que seria feita sobre eu ter aptidões parentais. É muito provável que isso tenha sido um redirecionamento do caso na polícia, que acontece quando a queixa não é crítica ou não é amparada por provas concretas. Apesar de constar a investigação na carta, não aparentava ser o famigerado teste parental. Independente do que era, não me importei um honorável pouquinho. Levava minha família de volta, e ao retornar não teria mais nada que a prefeitura pudesse tirar de mim. Talvez meu ratinho de estimação, mas ele não poderia ir

embora comigo mesmo.

O regresso não foi fácil. Deixá-los lá, por mais que estivessem em segurança, foi doído. O processo da mudança era simples, mas muito doído também: teria que escolher poucas coisas para encaixotar e enviar ao Brasil. O resto seria abandonado, vendido ou doado. Conversei com a Cruz Vermelha para que fossem lá em casa assim que eu saísse e pegassem tudo o que pudesse ser doado. Talvez eu conseguiria vender algumas coisas antes de partir. Uma senhora foi lá e colou post-its nos itens que gostaria de comprar. Ela só teria que esperar o início de agosto para ir buscar e me pagar. Como eu era obrigado a pagar aluguel até o fim de agosto, não vi problema algum. Avisei os vizinhos e fiquei tranquilo.

Encaixotar somente algumas coisas foi muito doloroso. Ver tudo aquilo que conquistamos ficar pra trás não foi fácil. Principalmente porque foi fruto de uma punição desnecessária. Teríamos que recomeçar do zero. Pela segunda vez.

Enquanto organizava a logística, fui à prefeitura para a próxima consulta com a psicóloga do emocional. Conteí absolutamente tudo a ela. Ela me disse que a prefeitura estava bem desnorteada com as nossas atitudes nas reuniões. Não sabia por que não nos exaltávamos, por que não exigíamos mais nossos direitos, por que não estávamos sendo agressivos como alguns pais eram e, principalmente, por que todos estavam cooperando com tudo o que era solicitado sem questionar. Ela ainda me disse que, na primeira visita à nossa casa, foi orientada pela prefeitura a vasculhar tudo. A escola havia informado que nós planejavamos fugir do país e já tínhamos vendido todos os móveis da casa. Ali ela pôde perceber o quanto a escola mentia.

Ela também me disse que agiu para convencer a prefeitura a encerrar o caso naquela reunião. Disse que eu fiz certo em tirar todo mundo do país e, mais uma vez, derramou algumas lágrimas enquanto eu agradecia por tudo o que fez por nós.

Repeti a operação na consulta com a psicóloga do racional. Foi fantástico poder

ouvir uma última vez sobre como o meu corpo reage aos estímulos que me fazem mal. Mostrei a ela uma valsinha que compus antes de vender meu violão, e ela foi me perguntando o que eu sentia enquanto ouvia a composição. É impressionante o poder que a escrita tem em nossa mente. Seja ela com palavras, luzes ou sons.

Quanto ao resto da prefeitura, mandei um email avisando que minha família já não estava mais na Dinamarca, e que não seria mais necessária a reunião na semana seguinte com a escola. Nunca me responderam.

Na escola, fiz questão de agradecer a professora do meu filho. Ela não era especializada com autistas, mas tentava de todas as formas fazer com que a estada do meu filho fosse boa. A assistente pedagógica foi excepcional com meu filho, tentando de todas as formas fazê-lo se sentir bem. Uma pena não tê-la encontrado lá.

Parte III - A Reflexão

Capítulo 12: O Lado Oculto dos Fiordes

Meus filhos tiveram a sorte de sempre terem pessoas boas ao redor. Eles foram a um jardim da infância particular, que era inclusive mais barato do que o público (ou menos caro, dependendo de como se vê). Lá, as pedagogas foram super atenciosas com eles, independente de diagnóstico, cultura, língua materna ou comida na lancheira. Meu filho foi para um jardim da infância público depois, e lá sua situação foi terrível. Somente uma educadora o ajudava, e a diretora inclusive fez questão de cobrar pela comida que ele não comia. Ela alegava que, enquanto não saísse o diagnóstico dele, ele seria tratado como uma criança normal. Ele até apanhava normalmente com galhos de árvore de outras crianças. Me lembro que a diretora de uma das escolas me disse no primeiro dia:

Seu filho é uma criança muito amável! Me pergunto o que irá acontecer quando as outras crianças começarem a bater nele.

Já a minha filha tinha ido para uma escola em Roskilde após a prefeitura aplicar uma prova de dinamarquês nela bem debaixo do meu nariz, sem me contar que era uma prova, e sem me contar que a prefeitura não tinha autoridade para obrigar minha filha a estudar em qualquer escola sem o meu consentimento. Ao que parece, consentimento não é necessário quando os fins justificam os meios.

Era um misto de emoções. Muitas professoras não entendiam as necessidades da minha filha, e a obrigavam a tomar banho com as outras crianças e a participar de brincadeiras que ela não gostava. Um dos professores a acolheu como eu nunca vi na vida. Ele inclusive a acompanhou em seu primeiro dia na escola em *Jyllinge*, após uma suada transferência. Um ser humano incrível, um professor de verdade a quem eu desejo o melhor.

De pessoas boas, estávamos rodeados. Infelizmente, bastaram apenas algumas pessoas más na escola e na prefeitura para que tudo o que construímos desmoronasse diante dos nossos olhos. Aqueles dias solitários que se seguiram foram preenchidos com um filme de toda a nossa história ali naquele cantinho pacato que um dia chamamos de lar.

A professora de dinamarquês me escreveu no sistema escolar, *Aula*. Ela perguntou porque minha filha não foi à escola. Respondi que ela não morava mais na Dinamarca. A professora me pediu para ir à escola, pois ela queria entregar algumas lembranças para a minha filha. Respondi que meu endereço continuava o mesmo, e que poderia deixar o que quisesse lá. Nunca me responderam, tampouco deixaram algo na caixa de correio.

Certo dia, fui à Roskilde comprar painéis novos para levar ao Brasil. Já tinha vendido o carro, então fui de ônibus mesmo. Me fez lembrar o início de tudo, em que eu andava pra lá e pra cá de ônibus em busca de uma papinha de banana com o rótulo antigo para o meu filho. Naquela época, ele mordida os lábios para não comer nada. Sua boca sangrava, enquanto eu ouvia ao telefone o médico dizer "continue tentando, não há nada que eu possa fazer".

Os dias se passavam, mas parecia que eu só rebobinava a fita. Não sei ao certo a que horas ia dormir, nem a que horas acordava. Por vezes passava a noite em claro. Não tinha fome e nem queria sair do quarto. Só queria dormir e esperar o dia de ir ao Brasil mais uma vez. Eu ainda teria mais uma viagem de ida e volta antes de ir embora de vez.

As coisas ficaram claras quando tive que ir a Copenhague. Ao sair de casa, senti um alívio imediato. Percebi que eu estava tal qual um sapo dentro de uma panela de pressão. Ao retornar, decidi que a próxima ida ao Brasil seria a definitiva.

Retornar à Dinamarca iria me custar muito caro, e eu o faria somente para tentar vender o que pudesse da casa. E eu teria somente um mês para isso. Dadas as

minhas condições psicológicas e a quantidade de coisas que teria que vender para simplesmente pagar a viagem, decidi que não valeria a pena. Avisei os vizinhos para tirarem o que pudessem da casa.

Como eu bem suspeitava, a imobiliária ordenou que eu removesse a parede. Segundo eles, tudo o que eu coloquei, eu deveria retirar. Após infrutíferas tentativas de negociação, eu disse que a parede foi colocada antes do início do contrato do aluguel, ou seja, ela iria ficar lá. Disse ainda que eu não iria mais morar na Dinamarca, e que se eles não aceitassem a minha saída da casa, eu iria embora de qualquer jeito. Se a imobiliária não aceitar a sua saída, você não pode alugar outro imóvel lá. Como se eu precisasse de mais um motivo para me importar ainda menos.

A imobiliária também ordenou que a minha esposa assinasse presencialmente o documento de saída da casa, mesmo ela tendo saído oficialmente do país. Segundo a imobiliária, eles queriam ter certeza de que minha esposa não iria voltar para a Dinamarca e encontrar a casa vazia. Reiterei que ela havia deixado o país com as crianças e que todos eles já não tinham mais documento algum de residência no país, tampouco número de seguro social válido. Claro que não adiantou. Quando foram além e disseram que todos os que assinam o contrato de aluguel devem assinar a saída, eu perguntei o que eles fazem quando uma das pessoas morre. Após um curto silêncio, disseram que ela poderia assinar e enviar uma foto.

Alugar um imóvel na Dinamarca por si só já é um feito e tanto. Eles podem, por lei, exigir o pagamento de até sete meses de aluguel adiantados:

- Até três meses como depósito para consertos e reparos ao final do aluguel.
- Até três meses como aviso prévio.
- O primeiro mês do aluguel.

Aqui se paga primeiro para morar depois. E é comum as pessoas financiarem os sete

meses da entrada. Assim como também é comum a imobiliária fazer de tudo para não devolver o depósito. Na primeira casa, o dono conseguiu uma nota fria de mais de 30 mil coroas dinamarquesas (aproximadamente 4 mil euros) para pintar cerca de um metro quadrado de parede.

Mas essa imobiliária não ficaria em segundo lugar nas falcatruas. Eles foram além: não cancelaram a cobrança do aluguel assim que eu notifiquei a saída. Ficaram com quatro meses de aluguel para três meses de aviso prévio. Leve três, pague quatro. Tal qual fazem alguns mercados de forma sorrateira. Deve ser cultural.

Por um lado, estava satisfeito por sair da casa. Todo aquele estresse de entregar a casa me deixou mais nervoso ainda. Lidar com os dinamarqueses era até simples, mas só se você não envolver dinheiro. Uma vez forjaram um contrato para aulas de equitação pros meus filhos e não me falaram. Quando pedi para cancelarem, deveria pagar uma multa de mais ou menos 8 mil coroas dinamarquesas (também conhecidas como mil euros), pois, segundo eles, eu estava cancelando um contrato que assinei. Detalhe: eu só tinha ido lá visitar o sítio.

A nossa consultora familiar, na melhor das intenções, estava pesquisando equitação para as crianças. Ela marcou um dia para irmos lá conhecer o sítio. Saímos de lá com uma aula experimental marcada e um acordo unilateral que nunca foi mencionado. Decidimos que não valeria a pena tanto pelo valor alto das mensalidades quanto pela logística e avisamos que não iríamos para a aula experimental. Foi aí que veio a porrada.

Quando fui mais a fundo, entendi que a prefeitura subsidia os valores. Por isso a logística era daquela forma. Ninguém se preocupa com contratos ou valores se é a prefeitura quem paga tudo no fim das contas.

Mas eu não tinha direito a isso por causa da minha faixa salarial acima da média. Na Dinamarca, a partir de uma certa faixa de imposto de renda, você cai em uma área que chamam de *topskat*. Nessa área, o governo entende que você tem dinheiro o

bastante para não precisar dos benefícios. Ele só se esquece de considerar que, depois dos descontos, o seu líquido pode chegar a ser bem menor do que o de um trabalhador com salário médio mais os benefícios a que ele tem direito e você não. Alguém precisa pagar a conta, não é?

Uma escola especial custa em média 400 mil coroas dinamarquesas por criança por ano. Os meus dois filhos iriam custar ao estado muito mais do que o que o estado arrecada comigo. O processo também envolve alguns custos operacionais, que devem ser pagos pela escola atual das crianças. Como a escola recebe dinheiro por criança matriculada, ela não só perderia o dinheiro das crianças como também teria que arcar com as custas das transferências. É lógico que isso nunca iria acontecer. Principalmente depois que a Dinamarca aprovou uma lei em que escolas normais podem receber crianças que necessitem de escolas especiais, independente de constar nos laudos médicos a necessidade de uma escola especial. Escolas privadas não só carecem de especialistas na área de neurodivergência, como também não são acessíveis para a população que vive apenas de salário.

No fim das contas, a Dinamarca não é pra classe média. Tampouco para neurodivergentes. Uma família de classe média cujos filhos e o pai são autistas não tem um futuro muito promissor ali. Junte a isso o fato de o estado, em colaboração com a prefeitura, ter total direito sobre seus filhos e nenhum tato para lidar com crianças neurodivergentes e não fica difícil mensurar o tamanho da cilada.

As questões de saúde também formam um par triste de desespero para nós. Sempre foi difícil resolver qualquer problema de saúde. Seja enxaqueca, sinusite, pneumonia, inflamação na boca, puberdade precoce, nódulos, seletividade alimentar, parece que qualquer enfermidade que não possa ser tratada com paracetamol é deixada de lado, ou forçada a ser tratada com paracetamol.

Quando nós quatro pegamos pneumonia durante o inverno, com febre extremamente elevada. O doutor de emergência nos disse, ao telefone, para somente

descansarmos e tomarmos paracetamol. Um fantástico colega do trabalho nos trouxe comida, deliciosa comida, que ele mesmo fizera. Ele dirigiu com sua esposa de uma cidade relativamente distante só para garantir que teríamos algo para comer. Ao menos nossos impostos serviram para pavimentar a estrada pra eles.

Mas o fato de eu ter amado esse país me coloca em uma posição bem delicada.

Capítulo 13: A Distância e o Eco

Alguns dizem que o contrário do amor é o ódio. Na verdade, o contrário do amor é a apatia.

O amor é um motorzinho que te move, seja pra fazer coisas boas ou ruins. Quem não ama não se move, não faz nada, está apático. Talvez nosso maior movimento foi ter cruzado o Atlântico. O amor que temos nos trouxe para terras geladas, que ficavam aconchegantes com o calor da família. Não foi fácil, nem de longe. Sacrificamos muito em prol de um futuro melhor pra nós, principalmente para os nossos filhos. Nos mexendo sempre, movidos por esse motorzinho.

Quando lembro da nossa história, só penso em tudo o que fizemos um pelo outro, sempre movidos pelo amor que temos, na esperança de sempre fazer a coisa certa. De uma certa forma, aonde vamos chegar não é mais importante do que chegarmos lá juntos.

Pensar sobre tudo isso só me fazia perceber que a panela já havia pegado pressão há muito mais tempo do que eu imaginava. Por mais que eu ainda sinta um carinho enorme pela Dinamarca, ela, infelizmente, não oferece o que a minha família precisa. Eu precisava ir embora logo. Chequei pela bilionésima vez tudo o que eu iria levar na derradeira viagem e fui me deitar. Aquele dia foi muito triste, pois tinha me despedido de um amigo brasileiro que nos acompanhou por todos aqueles anos. Vê-lo entrar no trem, carregando uma tristeza recíproca no olhar, me deixou muito abalado, mas me sinto muito grato por ter compartilhado bons momentos com ele. Adormeci ao som de Saudosa Maloca, não sem antes lavar os olhos de dentro pra fora.

Logo no início da manhã, tomei café com meu vizinho, que virou um querido amigo com o passar dos anos. Conversamos como sempre, rimos e lamentamos, e nos despedimos com um amigável abraço. Resolvi ficar fora de casa e deixar tudo ali mesmo. Sentei no sofá e fiquei esperando minha carona pro aeroporto. A esposa do

meu colega foi me buscar em casa. A mesma que conseguiu a assistente social ímpar, que nos buscou no hotel assim que chegamos, que nos ofereceu a casa enquanto procurávamos uma para alugar, que nos acompanhou no processo desde o início, que estava lá comigo enquanto eu cuidava da minha filhota no sofá. O colega que me ajudou a abrir uma conta no banco, que me ajudou a alugar a casa, que nos contagiou com o seu carisma e vontade de ver todos ao redor se sentirem bem. Comecei o ciclo na Dinamarca com eles, e encerrei com eles. Os nossos anjos dinamarqueses.

Coloquei as malas no carro e partimos para o aeroporto. Outra sensação de alívio tomou conta do meu corpo. A pressão se esvaiu. Eu deixava uma vida para trás, mas havia outra à minha espera.

Me despedi no aeroporto e segui em frente. Foi tudo tranquilo. Passei pela segurança e cá estou esperando meu primeiro voo para casa. Passarei novamente por Lisboa, e tenho certeza que vou dormir bem desta vez. Entro no avião e saco o celular da pochete em busca de uma música para ouvir durante o voo. Uma delas me chama a atenção e imediatamente a ponho a tocar. Eu adoro ouvir trilhas sonoras de jogos. E essa tem um significado especial.

Quando viajei pela primeira vez à Dinamarca, meu fone de ouvido tocava essas notas enquanto o avião tocava o solo. É uma música que me faz lembrar dos sonhos que eu tinha.

Hoje, seis anos depois, deixo esse cantinho amável. Os bons momentos estão ali embalados. Quanto aos maus, deixei-os trancafiados naquele que antes fora meu lar, mas que depois se tornou minha prisão.

Decolo ao som das mesmas notas. Não para me lembrar dos sonhos outrora vividos, nem dos que foram abruptamente sequestrados, mas para me lembrar de que não preciso de asas, pois ainda tenho muitos outros sonhos para voar.

Olho no relógio e percebo que hoje é Sexta-Feira, 13 de Junho de 2025. Que dia memorável para se acordar de um pesadelo.

Epílogo

As crianças estão relativamente bem. Após retornarem ao Brasil, foram devidamente matriculadas em uma escola capaz de lidar com elas. Minha filha começou a fazer o tratamento que foi carinhosamente negado diversas vezes na Dinamarca. Meu filho disse que está feliz aqui, já que não precisa mais tentar adivinhar o que as pessoas falam pra ele.

Claro, nem tudo é alegria. Ambas ainda sentem o peso do trauma, principalmente a minha filha. Algumas vezes ela nos conta uma ou outra barbaridade que passou, e me pergunto se um dia vamos realmente saber exatamente o que se passou com eles. A prefeitura chegou, inclusive, a falar pra ela que a culpa disso tudo era dela. Isso logo nos primeiros dias, quando nos pediram pra contar a tal "verdade adaptada".

Aliás, no decorrer do processo, a prefeitura conseguiu ter alguns diálogos com minha filha. Ela disse que tinha pensamentos ruins, e que não queria contar a ninguém. A prefeitura entendeu que tais pensamentos eram sobre a família, quando na verdade eram fruto do sentimento de culpa que a enfiaram goela abaixo. Tudo em prol da segurança dela, claro. A prefeitura não só afirmou como também escreveu em um quadro, devidamente fotografado por mim, que as crianças iriam desenvolver problemas mentais se o quadro observado se mantivesse. Faltou só eles entenderem que, como começaram a avaliar psicologicamente as crianças depois do sequestro, o quadro observado era fruto da atitude desumana da própria prefeitura. Era 12 de Março, ou seja, as crianças nem ao menos haviam voltado a morar conosco de novo, estavam no meio do furacão de visitas e vista grossa da escola. Era óbvio que estariam psicologicamente abaladas, mas já havia ficado evidente que a prefeitura e a escola nunca iriam assumir falha alguma. Não se trata de profissionalismo e, sim, de caráter.

O pior foi ouvir constantemente a prefeitura e a escola relatarem que as crianças

estavam muito melhores longe de nós. As psicólogas, depois que contei sobre isso, ficaram horripiladas, pois era óbvio que as crianças entraram no que elas chamavam de "modo de defesa", onde nem os seus sentimentos seriam expostos. Elas até confirmaram que passavam os dias chorando, brigando e pedindo pra voltarem pra casa.

Meus filhos foram punidos do início ao fim. Na escola, na prefeitura, na casa da professora e na casa da família profissional. A carcereira do lar gritou com eles repetidas vezes, afirmando que agora era ela quem mandava e eles iriam obedecer. Que profissionalismo! Me lembra até o da prefeitura.

Mas é inútil tentarmos extrair qualquer coisa das crianças sem a intenção de ajudá-las a superarem o trauma. Se alguém precisa de detalhes, será um terapeuta. Eu só preciso que eles estejam bem. Não desejo partir para vias judiciais. Partir da Dinamarca já foi o suficiente.

Aliás, mesmo após o retorno definitivo ao Brasil ainda me surpreendi com situações inimagináveis. A imobiliária, por exemplo, resolveu que seria muito útil adentrar a nossa casa, durante o período do aluguel, para se livrar de tudo o que havia lá. Um dos vizinhos me ligou avisando do planinho da imobiliária, que contava até com uma carinhosa e gorda fatura para apreciação e pagamento imediato pela tamanha generosidade do ato. Consegui ao menos autorizar os vizinhos formalmente junto à imobiliária para lhes permitir que entrassem na casa a fim de retirar tudo o que pudessem. Mas, no final, recebi uma exuberante fatura para pagamento, cujo destino também foi a lixeira virtual da minha caixa de entrada.

Não sei ao certo se foi possível doar tudo o que tinha na casa e, pra ser sincero, não quero nem saber o que aconteceu. Considerando que não pude vender a metade das coisas da casa que já estavam separadas, pois a imobiliária estava com muita pressa em limpar a casa com ainda dois meses de aluguel pagos e não pôde esperar a disponibilidade da compradora, eu já estou devidamente puto da vida. Me

ameaçaram recentemente, dizendo que iriam colocar uma empresa de cobrança atrás de mim, e também me mandaram uma outra fatura de menor valor que eu nem me dei ao trabalho de traduzir na íntegra.

O banco também me deu uma bela rasteira. Decidiram que eu estava realizando operações ilegais na Dinamarca e optaram por cancelar a minha conta. A operação ilegal, segundo eles, foi a de eu ter registrado a minha conta bancária como meio de recebimento para a minha esposa. O governo paga os benefícios usando essa ligação bancária. Como não foi possível abrir uma conta pra minha esposa, eu registrei a minha conta para mim e para ela, ou perderíamos o pouco que o governo nos pagava pelos gurus como benefício.

Da última vez que fizeram alguma loucura dessas, congelaram a minha conta alegando lavagem de dinheiro, pois a empresa me pagava pela sua conta bancária na Irlanda para a minha conta na Dinamarca. Me disseram que, como sou de um país corrupto, isso era visto como lavagem de dinheiro e eu precisava provar que o setor financeiro da empresa foi quem optou por fazer essa operação. Decidi provar o quão suja foi a opinião que eles tiraram do reto sobre a minha situação fiscal na Dinamarca.

Em uma das vezes, tentei mudar de banco. Um grande banco dinamarquês me disse que seria muito difícil um brasileiro que recebe salário de fora da Dinamarca abrir uma conta no país, com argumentos semelhantes aos que eu já estava acostumado a ouvir. O mais estranho nisso tudo é que o maior caso de lavagem de dinheiro já registrado na Europa, onde passaram pela lavanderia cerca de 800 milhões de euros durante o período entre 2007 e 2015, teve como participação fundamental um banco dinamarquês, o *Danske Bank*, mas divago.

O problema é que esse cancelamento de conta desencadeou uma cascata de outros problemas, a começar pelos reembolsos. Como na Dinamarca você paga um par de meses adiantado para muita coisa, caso cancele algum serviço, é necessário que te

reembolsem o valor que você adiantou.

Claro que não recebi um centavo do provedor de internet, mas pelo menos cancelaram o serviço. A companhia de telefonia móvel não cancelou a minha linha e já recebi diversas faturas. Todas encarecidamente tratadas pela minha descarga eletrônica.

A empresa de energia elétrica foi a única que entrou em contato comigo e me reembolsou o valor já pago sem burocracia alguma. A de distribuição de água achou que seria legal me cobrar por mais um período. Ainda não me ameaçaram, mas minha latrina aguarda ansiosamente.

Apesar de pelo menos tentar não ligar pra essas coisas, confesso que estou curioso somente sobre um paradeiro: o da minha parede.